



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Motivações para o voluntariado e atitudes pró-sociais em estudantes do ensino superior

(Versão final após defesa)

Mafalda Viegas de Melo

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof. Doutora Marta Pereira Alves

Covilhã, março de 2020

Dedicatória

Aos meus pais, por tudo.

Agradecimentos

Nesta reta final do percurso académico, foram muitas as pessoas que passaram pelo meu caminho e me ajudaram a chegar até aqui. Dedico, portanto, este espaço às mesmas.

Em primeiro lugar, agradecer à Professora Doutora Marta Alves enquanto orientadora de dissertação, por toda a paciência, compreensão e disponibilidade em acompanhar comigo este trabalho. Obrigada por todos os incentivos e partilha de conhecimentos.

Aos meus pais e irmão por todo o apoio, paciência e amor. Sem vocês nada disto seria possível e agradeço todos os dias o suporte que me dão.

Aos meus avós, porque é deles que herdei tamanho gosto por esta área.

À Cláudia, minha melhor amiga, por toda a paciência e apoio nesta reta final que tão dolorosa foi para mim. Sem ela, seria um Ser Humano mais pobre.

À Helena, companheira e amiga das horas de trabalho, por todo o apoio, carinho e compreensão.

À Andreia, por todo o apoio que me deu e por me fazer sentir que não estava sozinha nesta caminhada. O tempo é de facto o bem mais precioso que doamos a alguém.

A todos os meus amigos, que tão importantes foram nesta caminhada.

À *Happy Wish*, projeto que me permitiu crescer enquanto pessoa e profissional. Nunca esquecerei tudo o que com ela aprendi e o crescimento que me proporcionou.

Às crianças e jovens que conheci no IPO de Lisboa, aos que ainda cá estão e aos que vi partir, foi com eles que aprendi o verdadeiro significado de voluntariado.

Aos colegas voluntários do IPO de Lisboa, na qual aprendi o verdadeiro significado de altruísmo.

A todos os professores do curso de Psicologia, e com a qual tive oportunidade de crescer academicamente. Não poderia ter escolhido melhor Universidade.

A ti avô, que partiste neste ano tão difícil.

Resumo

O presente estudo tem como principal objetivo de investigação analisar as motivações para o voluntariado e as atitudes pró-sociais em estudantes do ensino superior. Participaram 121 alunos do ensino superior, com idades compreendidas entre os 18 e 29 anos ($M=20.87$; $DP=1.825$) e que já tivessem tido, pelo menos uma vez, uma atividade de voluntariado. Os dados foram recolhidos através da versão portuguesa do Inventário de Motivações para o Voluntariado (IMV; Clary & Snyder, 1998), da Escala de Atitudes Pró-Sociais (Osgood & MUraven, 2015) e de um questionário sociodemográfico e de práticas de voluntariado. Os resultados demonstraram que as atitudes pró-sociais apresentaram um maior efeito preditor nas funções valores, experiência e crescimento em comparação às funções carreira, social e proteção. Adicionalmente, verificou-se que os alunos de 1º ano revelaram ter, em média, motivações para o voluntariado e atitudes pró-sociais superiores em comparação com os alunos do 3º ano. Por fim, são apresentadas e debatidas limitações e implicações destes resultados, no âmbito das práticas de voluntariado em estudantes do ensino superior.

Palavras-chave

Voluntariado, motivações para o voluntariado, atitudes pró-sociais.

Abstract

The main objective of this study is to analyze the motivations for volunteering and prosocial attitudes in higher education students. A total of 121 higher education students, aged between 18 and 29 years old ($M = 20.87$; $SD = 1,825$), had already volunteered at least once. Data were collected through the Portuguese version of the Volunteer Motivation Inventory (IMV; Clary & Snyder, 1998), the Pro-Social Attitudes Scale (Osgood & MUraven, 2015) and a sociodemographic questionnaire and volunteering practices. The results showed that prosocial attitudes had a greater predictive effect on values, experience and growth functions compared to career, social and protection functions. In addition, 1st year students were found to have on average motivations for volunteering and higher pro-social attitudes compared to 3rd year students. Finally, limitations and implications of these results are presented and discussed within the scope of volunteering practices in higher education students.

Keywords

Volunteering, motivations for volunteering, prosocial attitudes.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1: O Voluntariado nos jovens do ensino superior	3
1. O Voluntariado nos jovens do ensino superior	3
1.1 O Voluntariado e o Voluntário	3
1.2 Voluntariado em Portugal e no Mundo	4
1.3 Voluntariado Jovem	5
2 As Motivações para o voluntariado e seus modelos	9
2.1 A Motivação	9
2.2 As Motivações para o voluntariado e seus modelos	10
2.3 Os Estudantes do ensino superior e suas motivações	12
2.4 As Atitudes Pró-Sociais	14
Capítulo 2: Metodologia	17
2.1 Objetivos e Hipóteses	17
2.2 Participantes	18
2.2.1 Características sociodemográficas	18
2.3 Práticas de voluntariado	19
2.4 Medidas	20
2.4.1 Inventário de Motivações para o Voluntariado (IMV)	21
2.4.2 Escala de Atitudes Pró-Sociais (EAP)	21
2.4.3 Questionário sociodemográfico e de práticas de voluntariado	22
2.5 Procedimentos	22
Capítulo 3: Resultados	25
3.1 Análise da consistência interna das medidas	25
3.2 Relação entre motivações para o voluntariado e atitudes pró-sociais	26
3.3 Diferenças nas motivações para o voluntariado em função do ano de curso dos participantes	28
3.4 Diferenças nas atitudes pró-sociais em função do ano de curso dos participantes	29
Capítulo 4: Discussão dos Resultados	31
Capítulo 5: Conclusões finais	35
5.1 Limitações e sugestões para estudos futuros	35
5.2 Implicações e conclusões	36
Bibliografia	37

Lista de Tabelas

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica dos participantes

Tabela 2: Descrição das áreas de voluntariado

Tabela 3: Valores da consistência interna do Inventário de Motivações para o Voluntariado, através do α de Cronbach

Tabela 4: Valores da consistência interna da Medida de atitudes gerais pró-sociais (EAP), através do α de Cronbach

Tabela 5: Coeficiente de Correlação de Pearson para análise da associação entre as atitudes pró-sociais e as motivações para o voluntariado

Tabela 6: Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como preditoras da função Valores

Tabela 7: Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como preditoras da função Experiência

Tabela 8: Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como preditoras da função Crescimento

Tabela 9: Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como preditoras da função Carreira

Tabela 10: Modelo de Regressão Linear: Atitudes pró-sociais como preditoras da função Social

Tabela 11: Modelo de Regressão Linear: Atitudes pró-sociais como preditoras da função Proteção

Tabela 12: Teste T para amostras independentes: Análise de diferenças nas motivações para o voluntariado entre os alunos de 1º ano e 3º ano de licenciatura

Tabela 13: Teste T para amostras independentes: Análise de diferenças nas atitudes pró-sociais entre os alunos de 1º ano e 3º ano de licenciatura

Lista de Acrónimos

INE	Instituto Nacional de Estatística
UBI	Universidade da Beira Interior
UE	União Europeia
OIT	Organização Internacional de Trabalho
VNU	Voluntários das Nações Unidas
IMV	Inventários das Motivações para o Voluntariado
VFI	<i>Volunteer Functions Inventory</i>

Introdução

O voluntariado é uma atividade que remonta à Idade Média (Wilson & Pimm, 1996 cit in Marques, 2016) e que contempla na atualidade definições muito variadas. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2001 cit. in Ferreira, Proença, & Proença, 2008), a atividade voluntária não prevê benefícios financeiros, sendo que a mesma se concretiza de livre e espontânea vontade por parte de quem a pratica e traz inúmeras vantagens quer a terceiros, quer ao próprio voluntário. Ainda que existam diferentes perspectivas sob o que é a definição de voluntariado, Serapioni, Ferreira e Lima (2013) dizem-nos que há algumas características comuns, tais como o princípio da comunidade e do bem comum, o princípio da cooperação, a complementaridade e a gratuidade. Assim, os autores evidenciam a definição de voluntariado como “*uma atividade realizada em benefício da comunidade e do outro (excluindo os membros do núcleo familiar), enquadrada numa organização e em articulação direta com a comunidade*” (p.32).

Penner e Finkelstein (1998) enfatizam que são as motivações o principal fator que explica o facto de alguns voluntários permanecerem em atividades de voluntariado e de outros abandonarem essa prática precocemente. Deste modo, tem-se assistido a um aumento do interesse nesta temática de modo a perceber quais as razões que levam as pessoas a doar o seu tempo com a finalidade de ajudarem alguém. Mas quais serão as motivações que movem os jovens a se inserirem nestas ações? Procuraremos contribuir para a resposta a esta questão.

Para avaliar as motivações para o voluntariado, utilizaremos o modelo dos seis fatores de Clary et al. (1998), recorrendo ao Inventário de Motivações para o Voluntariado em estudantes do ensino superior. O estudo tem os seguintes objetivos principais: analisar a relação entre as motivações para o voluntariado e as atitudes pró-sociais e averiguar a existência de diferenças quanto às motivações para o voluntariado e quanto às atitudes pró-sociais em função do ano de curso dos participantes.

O presente trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos. Em primeiro lugar, no Capítulo 1, apresentamos o enquadramento teórico acerca da temática do voluntariado nos jovens do ensino superior, em particular sobre as suas motivações para o voluntariado e atitudes pró-sociais. Em segundo lugar, surge o Capítulo 2, destinado à apresentação da metodologia de investigação, onde se encontram os objetivos e hipóteses do estudo, a caracterização dos participantes e das suas práticas de voluntariado e a descrição dos procedimentos e as das medidas utilizadas. Seguidamente, encontra-se o Capítulo 3 que diz respeito aos resultados do estudo, de acordo com os objetivos definidos. Por fim, surge o Capítulo 4, que integra a discussão e a interpretação dos resultados obtidos e o Capítulo 5, que apresenta as conclusões finais, com as limitações e implicações da investigação, assim como com algumas sugestões para estudos futuros.

Capítulo 1: Enquadramento teórico

1. O Voluntariado nos jovens do ensino superior

1.1 O Voluntário e o Voluntariado

Segundo a Lei n.º 71/98 de 3 de Novembro, Artigo 6.º, n.º 1, o voluntariado caracteriza-se como o “conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas” sendo que o voluntário se define como “o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora” (Lei n.º 71/98 de 3 de novembro, Artigo 6.º, n.º 1, p. 5694). Já se olharmos para a origem da palavra voluntário, esta “provém do adjetivo *voluntarius*, que provém por sua vez da palavra *voluntas* ou *voluntatis*, cujo significado é a capacidade de alguém decidir ou escolher algo, noutras palavras, é a pessoa querer, desejar ou ter vontade própria” (Cunha, 2001, cit. in por Serapioni, Ferreira & Lima, 2013, p.17).É, desta forma, considerado um processo ativo e intencional, através do qual os indivíduos e grupos procuram formas de ajudar os outros. Estas ações praticadas pelos voluntários devem ser ações úteis, realizadas por decisão dos participantes através do livre arbítrio e têm em conta valores, necessidades e motivos pessoais (Omoto & Packard, 2016).

O Comité Económico Europeu (CEE; 2006), citado por Serapioni, Ferreira e Lima (2013), menciona que o voluntariado consiste no princípio da livre vontade que cada pessoa tem em fazer determinada ação em prol de alguém, sem ter obrigatoriedade. E, por isso, este tipo de ações são livres da expectativa de qualquer tipo de recompensa, seja ela, por exemplo, financeira (Shin & Kleiner, 2003, cit. in Ferreira, Proença, & Proença, 2008).

Já para Parboteeah, Cullen e Lim (2004), o voluntariado pode ser reconhecido como informal e formal. O voluntariado informal contempla comportamentos espontâneos, como ajudar os vizinhos ou idosos estando mais dependentes das características individuais de cada um. Já o voluntariado formal define-se por comportamentos idênticos, mas enquadrados numa organização. Para os autores, o papel dos voluntários é de extrema relevância para a progressão destas mesmas organizações. O Instituto Nacional de Estatística (INE; 2018) reforça esta diferenciação, definindo, por um lado, o voluntariado informal ou direto como o ato voluntário dirigido a indivíduos sem qualquer vínculo afetivo ou familiar com quem pratica a ação voluntária e, por outro, o voluntariado formal ou organizacional como qualquer trabalho não remunerado, de carácter voluntário que tenha sido realizado numa organização ou instituição.

Também a Organização Internacional do Trabalho (OIT) caracteriza em 2011, o voluntariado como uma interligação de atividades voluntárias e a sua possível remuneração. Refere igualmente que o voluntariado tem por base vários princípios, tais como: o envolvimento num trabalho sem recompensa financeira (exceto em casos de ajudas de custo) e o carácter de não obrigatoriedade; o poder ser realizado isoladamente pela própria pessoa ou integrado numa organização ou grupo específico; o facto de ser possível fazê-lo em várias instituições públicas de cariz diverso; e a diversidade de áreas de intervenção possíveis (Serapioni, Ferreira, & Lima, 2013). Segundo Clary et al. (1998), os voluntários, que procuram frequentemente oportunidades para ajudar os outros, tendem a fazer algumas ponderações para com eles próprios, tais como a continuidade do voluntariado, a intensidade e o grau de envolvimento nessas atividades específicas e se o voluntariado corresponde ou não às suas próprias necessidades pessoais. Referem também que o voluntário ao assumir um comprometimento de ajuda, este, ao prolongar-se durante um longo período de tempo, pode envolver alguns custos pessoais de tempo, energia e oportunidade.

De acordo com os Voluntários das Nações Unidas (VNU; 2011), estes caracterizam o voluntariado como "uma expressão do envolvimento do indivíduo na sua comunidade. Participação, confiança, solidariedade e reciprocidade, baseado num entendimento compartilhado e no senso das obrigações em comum, são valores que se reforçam mutuamente no coração do governo e da boa cidadania. O voluntariado não é um vestígio nostálgico do passado. É a nossa primeira linha de defesa contra a fragmentação social num mundo globalizado. Hoje, talvez mais do que nunca, cuidar e compartilhar é uma necessidade, não um ato de caridade." (p.19).

1.2 Voluntariado em Portugal e no Mundo

Serapioni et al. (2013) referem que há mais de 140 milhões de voluntários no Mundo, existindo, só na Europa, mais de 100 milhões de pessoas dedicadas à atividade voluntária e a ações de solidariedade. Portugal, na década de 1990, era dos países com a taxa de voluntariado mais baixa na Europa (Duarte, 2015). Em 2015, através do Inquérito às Condições de Vida e Rendimento, que incluiu questões que solicitavam às pessoas que se posicionassem sobre a sua participação cívica, mais precisamente nas atividades de voluntariado, é apresentada a comparação internacional e os seus respetivos dados associados (INE, 2018). No caso de Portugal, 695 mil pessoas com 15 ou mais anos participaram em atividades voluntárias sem remuneração (INE, 2018). Através do Inquérito ao Trabalho Voluntário, conduzido pelo INE, foi apurado que a taxa de voluntariado formal e informal, em 2018, tinha sido de 7,8%. Dessa percentagem, 6,4% representava o voluntário formal. Verificou-se também que a participação do sexo feminino foi superior à do sexo masculino (55% vs. 45%, respetivamente). Já relativamente à faixa etária, foi o grupo com idades entre os 15 e 24 anos (11,3%) que revelou

mais adesão, seguido da faixa dos 25-44 anos que representou 8,6%, a de 45-64 anos com um valor de 8,3% e dos maiores de 64 anos com uma taxa de 4,6%.

Ainda segundo o INE (2018), verificou-se que a taxa de voluntariado progredia paralelamente ao nível de escolaridade, tendo-se observado uma participação de 15,1% de pessoas com ensino superior, seguindo-se depois uma taxa de 10,5% de participação de pessoas em situação de desemprego, 8,8% de indivíduos empregados e 6,3% para pessoas inativas.

De acordo com a mesma fonte, constatou-se que o trabalho voluntário formal tinha maior participação de indivíduos de faixas etárias mais jovens, assim como de pessoas desempregadas e pessoas com níveis de escolaridade mais elevados, sendo que o sexo feminino representa a maior parte desta adesão. Contudo, já no voluntariado informal destacou-se a participação de pessoas com idades mais elevadas e também com maior nível de escolaridade.

Finalmente, quanto aos contextos organizacionais, o voluntariado formal tem uma maior prevalência em organizações no âmbito das áreas de serviço social e de intervenção cívica (cerca de 44,1% dos voluntários formais), cultural, religião, entre outras. Constatou-se também que a maior parte dos voluntários formais desempenharam a sua função em apenas uma organização (cerca de 83,1%). Relativamente às horas despendidas de voluntariado, o INE (2018) apurou que foram dedicadas 263,7 milhões de horas, em que as horas de trabalho voluntário equivaleram a 2,9% do total de horas anuais trabalhadas na economia Portuguesa. Em sumo pode afirmar-se que Portugal, relativamente à sua posição na participação em atividades de voluntariado, continua, ainda assim, muito distante da média da União Europeia (EU-28) que corresponde a 19,3%.

Podem ser vários os fatores para a reduzida participação em atividades de voluntariado por parte da população portuguesa. Marques (2016) indica-nos alguns desses potenciais fatores, tais como, a escassa entreeajuda entre as pessoas, a pouca divulgação das atividades existentes de voluntariado e o défice de educação não formal em ambiente escolar acerca destas ações voluntárias.

1.3 Voluntariado jovem

A UNESCO, no ano de 1998, venceu com grande comprometimento, que as instituições de ensino superior deveriam alertar os seus alunos para uma maior consciência social, promovendo neles o sentido de comunidade. Assim, na declaração Mundial sobre o ensino superior no século XXI da UNESCO (1998), afirma-se que o mesmo deve reforçar e incentivar funções pró-sociais, que contribuam para uma crescente atividade cívica, de modo a erradicar com situações de pobreza, fome, intolerância, através de uma abordagem transdisciplinar (Tedesco, Hernaiz, Rial, & Tapia, 2008, p.12).

De facto, a entrada do jovem para o Ensino Superior representa uma fase importante e crucial para o indivíduo, quer para o seu desenvolvimento psicológico, quer para a sua formação enquanto adulto (Almeida, 2007). Para Tomás, Ferreira, Araújo e Almeida (2014) a transição é um dos maiores desafios tanto a nível intelectual como a nível emocional. Os autores defendem que a qualidade de adaptação e o sucesso académico decorrem da interação de um conjunto alargado de fatores, entre os quais se destacam conjuntamente o desempenho cognitivo, as competências de autonomia e autorregulação. Assim, para muitos recém-estudantes universitários, a ida para a universidade assume-se como um afastamento do local de residência e, conseqüentemente, uma diminuição do contacto, tanto com os familiares, como com os amigos do percurso escolar. Torna-se, portanto, indispensável a formação de novas amizades e relações, de forma a fornecer apoio social e emocional, neste processo de transição (Soares, Guisande, & Almeida, 2007). Deste modo, a integração académica terá de ser vista como um processo multifacetado, complexo e multidimensional, que envolve a participação do próprio estudante, bem como da comunidade que compõe a academia (Cardoso, Garcia, & Schroeder, 2015). Existem aspetos facilitadores deste processo de integração e, nesse sentido, Tomás et al. (2014) afirmam que o número de elementos que constituem a rede de apoio, juntamente com o nível de satisfação face à mesma, constituem elementos importantes para o suporte social e envolvência na comunidade por parte do próprio estudante.

O voluntariado poderá permitir, desde modo, combater e contrariar alguns fatores de risco deste período de adaptação, dado que promove o sentimento de pertença à comunidade (Stukas, Snyder & Clary, 2016), por exemplo como atividade de ocupação dos seus tempos livres (Delicado, 2002). Omoto e Packard (2016) também referem que quanto mais o estudante se sentir pertencente à comunidade que o envolve, maior será o indicador de que o próprio se sinta movido e motivado a participar em atividades de voluntariado. Mas quais serão os antecedentes que levam os jovens a praticar voluntariado? Segundo Serapioni, Ferreira e Lima (2013), os motivos religiosos são uma das causas dos comportamentos altruístas.

Ruiter e De Graaf (2006) procuraram estudar a relação entre as motivações religiosas e a prática de voluntariado em 53 países, e concluíram que pessoas que eram ativamente presentes na sua igreja acabavam por se envolver mais em atividades de voluntariado. Também Serow e Dreyden (1990, cit. in Wilson, 2000) mencionaram que jovens estudantes de instituições de índole religiosa tinham mais propensão para praticarem serviço comunitário, em comparação aos restantes jovens estudantes.

Constatou-se que os jovens que mais praticam voluntariado tornam-se mais conscientes e cidadãos mais ativos (Ferreira, 2008). Segundo Rego e Moledo (2006), o voluntariado em contexto escolar, e principalmente universitário, fomenta a aprendizagem dos jovens e incentiva-os a transpor para a prática a resolução de problemas concretos.

Donahue e Russell (2009) levaram a cabo um estudo com estudantes do ensino superior que praticavam atividades de voluntariado e concluíram que a prática de voluntariado tinha

impacto positivo sobre várias áreas da vida desses jovens, nomeadamente ao nível das suas competências de trabalho em equipa, de liderança, de gestão de conflitos e de tomada de decisão.

Um dos programas de voluntariado jovem que se destaca e tem particular expressão é o Serviço de Voluntariado Europeu (SVE), implementado em 1996 e parte integrante do programa “Juventude em Ação”, dinamizado pela Direcção-Geral da Educação e Cultura da Comissão Europeia. Este tem como finalidade promover nos jovens uma cidadania ativa e o desenvolvimento de atitudes pró-sociais e de solidariedade nos jovens da Europa, através do envolvimento em atividades que terão impacto no seu futuro profissional (Serapioni, Ferreira, & Lima, 2013). O SVE promove a mobilidade dos jovens entre países da Europa, através de uma educação não formal, chamando-os para práticas de inclusão a nível, escolar, cultural ou social. Outro tipo de voluntariado em destaque é o do terceiro sector, ou seja, organizações privadas sem fins lucrativos, que promovem a prática de voluntariado. Segundo Santos et al. (2011), a procura e o posterior reconhecimento das práticas de voluntariado podem conduzir à aquisição de conhecimentos e competências transversais que poderão ser úteis na procura e aquisição de emprego. O voluntariado assume-se como uma ferramenta de aprendizagem em contexto real, que resulta num primeiro contacto com o mercado de trabalho (McCloughan et al., 2011 cit. in Marques, 2016). Assim, verifica-se que o voluntariado é considerado, nos dias de hoje, uma ferramenta valorizada no que toca à qualificação de quem se proponha a um emprego (Hardin et al., 2007).

Santos et al. (2011) procuraram analisar como é que o voluntariado era usado para alavancar os estudantes para o mundo do trabalho e deste modo promover a sua empregabilidade. Deste modo, concluíram que as atividades de voluntariado contribuíam de forma positiva no futuro destes jovens recém-licenciados.

De facto, como já pudemos constatar, uma das razões apresentadas pelos jovens para a prática de voluntariado que mais se destaca é a possibilidade de obter experiência profissional e competências que possam ser-lhes úteis durante a sua futura carreira (Eley, 2013 cit. in Cnaan et al., 2010). Um estudo feito por Cnaan et al. (2010) com estudantes universitários de países de língua predominantemente inglesa (Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Reino Unido e EUA) teve como objetivo procurar perceber os padrões e respetivos comportamentos relativamente à prática de voluntariado tentando analisar as suas motivações. Os estudantes foram divididos em três grupos de estudo, sendo eles os que praticavam voluntariado regularmente, os que praticavam ocasionalmente e aqueles que não praticavam. Como resultados deste estudo, constatou-se que os estudantes que praticavam regularmente voluntariado demonstraram ter níveis mais elevados de motivações de índole altruísta em comparação com os restantes dois grupos de estudo.

2. As Motivações para o Voluntariado e Atitudes Pró-sociais

2.1 A Motivação

Todorov e Moreira (2005) definem motivação como uma força interna que direciona o indivíduo para a ação e que só o próprio pode sentir e, sendo uma experiência interna, não pode ser estudada diretamente. Já para Lieury e Fenouillet (2000, cit. in Oliveira & Alves, 2005), o conceito de motivação recai sobre um conjunto de mecanismos de índole biológica e psicológica que possibilitam a ação, a orientação, a intensidade e a persistência. Estes autores reconhecem também a motivação extrínseca e intrínseca. Definem motivação extrínseca como as ocasiões em que alguém faz algo de modo a obter algo prazeroso, ao contrário da motivação intrínseca que a definem como a ação que um indivíduo efetua unicamente pelo prazer que esta lhe proporciona, sendo que estes tendem a atribuir a si mesmos a causa da sua atividade. Neste sentido, e relativamente ao voluntariado, a literatura refere que estas mesmas motivações intrínsecas podem estar intimamente relacionadas com a percepção da utilidade que se tem para com o outro, assim como, com o resultado que advém disso mesmo, podendo conter os benefícios adquiridos pelo prazer de trabalhar autonomamente para esses possíveis resultados. Essas mesmas motivações podem também ser incentivadas, apenas pelo simples prazer de contribuir para o bem da comunidade e dos que a rodeiam (Meier & Stutzer, 2008).

Menchik e Weisbrod (1987) e Hackl et al. (2004) dizem-nos, a respeito das motivações extrínsecas para o voluntariado, que as mesmas podem estar relacionadas com aspetos ligados aos lucros do mercado de trabalho como por exemplo, o facto de o trabalho na comunidade ser um requisito para um determinado emprego ou o facto de o voluntariado permitir a aquisição de determinadas competências.

Assim, como Cunha, Rego, Neves e Cabral-Cardoso (2004) mencionam a motivação engloba um conjunto de conceções orientadas para a ação, sendo que é difícil definir este conceito de modo estrito, dado que o mesmo é utilizado de forma geral nas ciências sociais e humanas. Neste sentido, vamos tentar perceber o que leva indivíduos a praticar o voluntariado, descrevendo algumas teorias explicativas dessas ações.

2.2 As Motivações para o Voluntariado e seus Modelos

Ao longo dos anos, são muitas as pessoas por todo o mundo que têm contribuído em organizações que procuram ajudar pessoas e grupos necessitados (Stukas, Snyder, & Gil Clary, 2016). Omoto e Packard (2016) indicam que a motivação dos voluntários não advém de recompensas ou punições tangíveis ou sociais, mas que, no entanto, por vezes recebem benefícios secundários. Os beneficiários do voluntariado, por norma, são desconhecidos do voluntário quando este vai intervir, prevenindo vínculos pré-existentes de obrigação social que forcem o voluntário a oferecer assistência. Assim, a motivação para a ação pró-social pode dever-se aos sentimentos de empatia e compaixão que próprio voluntário comporta (Feshbach, 1982; Hoffmann, 1982; Krebs, 1975 como referido em Koller S. H., 1997).

Algumas investigações salientam que as motivações para o voluntariado são várias e complexas (Martins, 2013). Desde modo, Clary e Snyder (1999) referem que as várias formas de praticar voluntariado têm também a elas ligadas várias motivações e objetivos, sendo que o voluntário poderá ter mais do que uma motivação.

É então que começam nos anos 90 a surgir os primeiros modelos que explicam o processo da adesão de voluntários a diversas atividades (Marques, 2016). Em 1995, Omoto e Snyder caracterizavam o processo de voluntariado em três fases, sendo que a primeira correspondia às motivações individuais ligadas às experiências vividas antes da atividade voluntária. A segunda fase seria direcionada para as experiências prévias de voluntariado que o indivíduo tivesse passado e que envolviam dois fatores: a integração no meio organizacional e a satisfação pessoal relativa ao desempenho da atividade. Já a terceira fase dizia respeito aos efeitos e resultados que poderiam resultar dessa mesma atividade voluntária, assim como na comunidade em geral, podendo ter por sua vez, consequências no comportamento no voluntário que a pratica.

Clary et al. (1998) também se debruçaram sobre o que poderia estar por detrás das motivações para o voluntariado, tendo construído a teoria funcional, que procura identificar traços de personalidade, motivações e ocasiões que tornam os indivíduos mais propensos às atividades voluntárias, assim como os motivos que os levam a executá-las. Esta teoria assenta então na ideia de que cada pessoa faz voluntariado por diferentes motivos e que isso se deve ao facto de a motivação de cada um, numa mesma ação de voluntariado poderá ser diferenciada, e ter impacto na continuação e perpetuação dessa mesma atividade voluntária. Foi esta teoria que originou o Inventário de Funções do Voluntariado (IVF) de Clary et al. em 1998.

Um outro estudo concluiu que indivíduos que tivessem consciência do motivo que os levava a fazer voluntariado iriam agir de forma orientada de modo a satisfazer essas mesmas necessidades (Houle et al. 2005). O princípio orientador é o de que todas as decisões e condutas

se submetem à combinação das motivações de um indivíduo com as oportunidades oferecidas pelo ambiente de voluntariado (Clary et al. 1998).

Uma outra teoria, apresentada por Konrath, Fuhrel-Forbis e Lou (2012), distingue dois tipos de motivos que poderão estar na origem do voluntariado. O primeiro é a orientação pessoal que se centra nas vantagens que a pessoa poderá retirar da atividade voluntária, como por exemplo, a sua evolução de carreira, o desenvolvimento de novas aptidões ou até mesmo a possibilidade de abstração dos seus problemas pessoais. Já o segundo motivo é referente à orientação para o outro, ou seja, querer simplesmente auxiliar os outros sem com isso ter qualquer tipo de interesse ou bonificação.

Abordaremos agora teorias e modelos, que se destacam no estudo da origem da motivação para a atividade voluntária. Primeiramente de acordo com Papadakis, Griffin, e Frater (2004), o modelo de dois ou três fatores consiste na premissa de que o que está na origem para alguém se voluntariar poderá estar ligado ao conceito de altruísmo, como é exemplo disso a preocupação com os outros. Por outro lado, existem também outros motivos que poderão estar ligados à prática de voluntariado, como é exemplo o conceito de egoísmo (e.g., esperar algo em troca). Ainda assim, algumas investigações remetem o conceito de altruísmo como o mais relevante para fomentar a motivação para o voluntariado (Carpenter e Myers, 2010), ainda que existam também outros fatores a ter em conta que poderão ter influenciar motivação (e.g., ser convidado por outra pessoa, influência da religião). Na mesma linha dos autores anteriores, Cnaan e Goldberg-Glen (1991) propuseram o modelo de um fator ou unidimensional, a partir do qual criaram uma escala de motivação para o voluntariado, com o objetivo de preencher falhas de investigações anteriormente realizadas. Assim, este modelo assenta no pressuposto de que as pessoas não aderem à atividade voluntária apenas por uma razão isolada, mas sim por um conjunto de razões, que podem ser consideradas altruístas ou egoístas. Os autores dizem que é o fato de haver variedade nos motivos para a prática do voluntariado, que faz dessa experiência algo individual e satisfatório quer para a própria pessoa, como para o voluntariado em si.

Outros dos modelos é o da perspectiva funcionalista, que se centra num modelo multifatorial das motivações de cada um para a atividade voluntária (Clary et al. 2008). Assim, na linha dos autores, com base num estudo que fizeram com voluntários que trabalhavam com indivíduos com HIV/Sida, detetaram seis categorias de razões motivacionais para essa prática de voluntariado e que são: valores, compreensão, social, carreira, proteção e estima. Segundo os autores, é com bases nestes princípios que os voluntários iniciam e mantêm essa atividade de voluntariado.

Também Omoto et al. (2000) referiram que existem dois motivos centrais para a prática de voluntariado, dependendo sempre da fase do ciclo de vida de cada um, e que se centram,

segundo os autores, em motivações interpessoais e sociais. Ao nível interpessoal, os indivíduos podem ter a intenção de, com o voluntariado, desenvolver relações com os outros mais eficazes, mas também para cumprirem com o que para eles são os seus encargos sociais. Segundo os autores, este tipo de preocupações com os outros (motivações interpessoais) surge mais significativamente no início da idade adulta, enquanto que a prática de voluntariado para o cumprimento das obrigações sociais (motivações sociais) surge mais durante a vida adulta.

2.3 Os Estudantes do ensino superior e suas Motivações

Skinner (1971) refere que o sentimento de pertença a um grupo, condiciona o indivíduo a praticar atos em prol de outros, para que estes sejam vistos de forma favorável e aceites socialmente no meio onde se pretendem inserir. Segundo Guerreiro e Abrantes (2004), o acesso ao ensino superior é hoje em dia uma prioridade para muitos dos jovens, dadas as oportunidades que terão após a conclusão do mesmo, assim como de criarem novos conhecimentos e amizades. Deste modo, todas as ações extracurriculares que se envolvam enquanto estudantes universitários contribuem também para dar ao estudante uma diversidade de conhecimentos que irão complementar o seu desenvolvimento enquanto cidadão e futuro profissional (Marques, 2016). O envolvimento nas atividades de voluntariado por parte dos estudantes do ensino superior pode ter início no contexto do associativismo estudantil, o que promove a interação entre vários jovens e com a comunidade através do desenvolvimento de atividades de âmbito social, cultural, desportivo, entre outras (Almeida & Ferrão, 2001). Os autores referem também que o voluntariado juvenil, que abrange a faixa etária dos 18 aos 30 anos, é desenvolvido pontualmente nos tempos livre e apenas enquanto se encontram na condição de estudante.

Um estudo feito nos Estados Unidos concluiu que os motivos mais prevalentes dos estudantes universitários para fazerem voluntariado variavam de acordo com a fase em que se encontravam em termos da sua formação superior. Numa fase inicial dos estudos, a noção de valores e o crescimento individual foram os fatores que mais se realçaram e, quando estavam mais perto de terminar o seu curso, as motivações que acabavam por se salientar mais eram a carreira e o futuro emprego (Gage & Thapa, 2012). Um outro estudo feito por Switzer, Switzer, Stukas, e Baker (1999), identificou como motivo mais prevalente para a possível adesão ao voluntariado, os valores. Também se verificou uma diferença significativa relativamente ao género dos estudantes que praticavam voluntariado, sendo que o sexo feminino demonstrou ter maior adesão em comparação ao sexo masculino.

Também Holdsworth (2010) estudou as motivações para o voluntariado em estudantes universitários, onde utilizou metodologias tanto qualitativas como quantitativas. A partir da análise dos dados quantitativos, que obteve numa amostra de 3083 alunos, constatou que o motivo para uma futura empregabilidade era o mais prevalente. Quanto à análise qualitativa,

na qual fez 18 entrevistas a estudantes universitários voluntários, verificou que existiam vários tipos de motivações diferentes.

Num outro estudo, que visava perceber os benefícios do voluntariado em saúde, por parte de estudantes universitários, Williamson et al. (2018) procederam a entrevistas a 50 estudantes. O estudo teve 3 fases: a primeira estava relacionada com as motivações que cada estudante atribuía ao facto de se envolver em voluntariado, onde as suas perceções de empregabilidade após isso aumentavam; já a segunda fase estava relacionada com os factos que os faziam manter a atividade voluntária, na qual se incluíram componentes como o desenvolverem a resiliência, manterem o seu equilíbrio e fazerem contactos entre si; e por último a terceira fase que consistia nas vantagens que o voluntariado lhes fornecia, onde era focalizada maioritariamente nos benefícios que poderiam retirar e posterior autodesenvolvimento que cada um obtinha. Na mesma linha, outro estudo realizado por Barton, Bates, e O'Donovan (2017) tentou compreender se os estudantes que praticavam voluntariado, percecionavam que isso os beneficiaria, na medida em que teriam mais hipóteses de serem contratados após concluírem os seus cursos, assim como, perceber se a conjugação das atividades voluntárias e do seu curso se convergiam de forma eficiente. Foi um estudo qualitativo, em que se utilizou uma amostra de um grupo focal de estudantes de psicologia (n=11) e onde ocorreram igualmente diversas entrevistas. Acabou por se constatar que as motivações que levavam esses estudantes a fazer voluntariado, eram essencialmente orientadas para a sua carreira. Também ao verificar quais as motivações que os faziam continuar a fazer voluntariado, onde se concluiu as suas pretensões eram: ter um maior desenvolvimento pessoal e profissional e a noção do impacto que o voluntariado teria, para o curso que frequentavam bem como para a sua futura empregabilidade.

Também em Portugal, Ferreira (2013) e Marques (2016) se debruçaram sobre as motivações que levavam os estudantes universitários a fazer voluntariado. Ferreira (2013) verificou que os motivos que mais sobressaíam eram as funções valores, experiência e crescimento. Marques (2016) teve na sua investigação 356 estudantes do ensino superior e apresentou conclusões bastantes semelhantes, na medida em que os valores, a experiência e o crescimento foram os motivos mais destacados, tendo constatado que a proteção e a função social eram as funções menos valorizadas.

Da mesma forma, Serapioni, Ferreira e Lima (2013) dizem-nos que em Portugal se começa a observar uma articulação entre a prática de voluntariado e futura empregabilidade dos jovens e qualificações exigidas. Isto deve-se, segundo os autores, ao reconhecimento e promoção por parte das instituições de ensino superior do trabalho voluntário ao nível curricular.

2.4 As Atitudes Pró-sociais

Lay & Hoppmann (2015) definem atitude pró-social como um comportamento intencional e voluntário na qual a dele resulta, benefícios para outra pessoa. Do mesmo modo, Osgood & MUraven (2015) explicam que os comportamentos pró-sociais requerem um autocontrole dos indivíduos, de modo a anular as suas atitudes egoístas, em prol de um bem comum. Já Eisenberg (1985) define pró-sociabilidade, como atos voluntários com o objetivo de auxiliar o outro, sem requerer qualquer contrapartida dessa mesma ação. Refere que as atitudes pró-sociais, podem evidenciar-se por meio de intenções, pensamentos, raciocínios, atos, entre outros, em confronto com um problema moral. Quando se fala do desenvolvimento moral pró-social, referimo-nos aos processos de auxílio em relação ao próximo, sejam eles indivíduos ou grupos.

Muitas das atitudes pró-sociais têm como principal motivação para a ação, proporcionar o bem-estar ao outro sem esperar nada em troca relativamente a essa ação voluntária, seja em bens materiais ou outros. Esta atitude pró-social pode-se expressar em intenções, ações ou expressões desencadeadas por um problema moral (Eisenberg & Miller, 1987; Staub, 1978 cit. in Koller & Bernardes, 1997). Deste modo, as atitudes pró-sociais ou os atos voluntários com o objetivo de ajudar o próximo dependem da fase de vida da pessoa que ajuda e de fatores como a sua idade, traços de personalidade, motivações individuais (Koller & Bernardes, 1997).

Outro estudo bastante relevante é o modelo de Einsenberg-Berg em 1979, com foco na noção de moralidade, que até então ainda não havia sido estudada, e que teve tendo por base entrevistas a crianças com questões de índole moral, direcionadas a possíveis atitudes pró-sociais e/ou conflitos entre os intervenientes, ou seja, entre a pessoa que a pratica e quem a recebe (Koller & Bernardes, 1997). Por outro lado, e também muito semelhante a esta abordagem, temos o modelo de Lawrance Kohlberg sobre o desenvolvimento moral (Koller, 1988; Koller, Urbina, Gonzalez, & Vega, 1994; cit in Koller & Bernardes, 1997). Esta teoria defende que o pensamento moral é estruturado por várias etapas, na maioria das vezes expressadas verbalmente pela pessoa que pratica este tipo de ações altruístas.

Caprara e Steca (2007) analisaram um modelo teórico no que diz respeito às teorias sobre o conceito de autoeficácia e valores, que, em conjunto, poderiam estar incentivar atitudes pró-sociais. Segundo o modelo, as crenças de autoeficácia influenciam o controlo do afeto, que por sua vez vai ter impacto nas relações sociais que promovem as atitudes pró-sociais.

Outra autora, Finkelstien (2009), com base na teoria da autodeterminação, fez um estudo onde analisou a relação entre as motivações para o voluntariado, a personalidade com traços pró-sociais e a orientação motivacional de estudantes do ensino superior, tendo distinguido motivação intrínseca e extrínseca. Nesse estudo, utilizou como instrumentos o Inventário de Motivações para o Voluntariado de Clary et al. (1998), onde a conclusão que retirou foi a de que as funções sociais, compreensão, realização pessoal, proteção e valores estavam

relacionadas com a motivação intrínseca e a função carreira com a motivação extrínseca. A autora usou também o *Work Preference Inventory (WPI)* para avaliar o comportamento pró-social, de modo a analisar a capacidade de empatia e as atitudes pró-sociais destes estudantes. Assim, relativamente às atitudes pró-sociais, a autora esperava que a motivação intrínseca para as mesmas estivesse ligada apenas à satisfação e gosto próprio pela prática do voluntariado, mas o que se verificou foi de que as motivações extrínsecas ocorriam quando os indivíduos esperavam retirar algo em troca das suas ações.

Um outro estudo, feito por Van Hoorn et al. (2014), analisou a influência do grupo de pares nos comportamentos pró-sociais em 197 jovens adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e 16 anos. Utilizaram para isso um jogo de moedas que teriam de utilizar para alocar, em grupo, bens públicos, sendo dado um feedback grupal. Os resultados deste estudo mostraram que houve uma interação significativa entre o feedback dado ao grupo (fossem eles pró-sociais, antissociais ou até sem qualquer feedback) e as hipóteses de alocações dadas pelos jovens, verificando-se assim que o comportamento pró-social foi aumentando à medida que o feedback pró-social era dado e, por outro lado, o comportamento pró-social diminuía à medida que o feedback antissocial era manifestado. Deste modo, os autores concluíram que o grupo de pares tem influência no desenvolvimento e promoção de comportamento pró-sociais.

Outros autores como Janoski et al. (1998) estudaram uma possível correlação entre as motivações para o voluntariado, comparativamente a duas perspetivas: uma delas é a perspetiva normativa, que diz que alguém se torna voluntário porque incorpora atitudes pró-sociais; outra é a perspetiva social, que fala sobre a relevância que estas experiências sociais têm na vida do indivíduo. Como conclusões retiraram que a forma como os indivíduos encaram as suas atitudes pró-sociais, têm um forte impacto na prática do voluntariado em si assim como na noção na perceção individual da participação social envolvida, estando então ambas relacionadas.

Também Simpson e Willer (2015) fizeram uma investigação onde tentaram explicar a origem dos comportamentos pró-sociais e da cooperação entre pessoas, focando-se em fatores internos dos indivíduos, como as suas próprias motivações altruístas. Como conclusão, demonstraram que, por exemplo, as normas podem incentivar atitudes pró-sociais e de cooperação. Destacaram também que mecanismos de índole social (como as regras, a reputação ou as próprias relações) podem incentivar a criação e manutenção de altos níveis de cooperatividade grupal, contudo, podem ter como desvantagem e encobrimento das verdadeiras motivações individuais, dado que estas nesta situação só se constroem pelo efeito do grupo de pares.

Em jeito de síntese, Martins (2013) diz-nos que embora o voluntariado seja muitas das vezes considerado uma atitude pró-social e uma via para auxiliar o outro, estas duas formas são de facto conceitos que abrangem e incluem muitas dimensões. Também Yubero e Larrañaga

(2002), dizem-nos que os comportamentos pró-sociais se definem como ações que podem favorecer outras pessoas, sendo que este é um conceito muito generalista e que nele podem existir diversos tipos de atitudes orientadoras na ajuda ao outro.

Capítulo 2: Metodologia

Nesta parte do trabalho, dedicada à descrição da metodologia, serão apresentados os objetivos e hipóteses do estudo, os participantes que dele fizeram parte, a descrição dos instrumentos utilizados e os procedimentos adotados.

2.1 Objetivos e Hipóteses

O presente estudo está inserido no projeto “*Violência 360º- Projeto V360º- Violência interpessoal, voluntariado e bem-estar psicológico em jovens*” que tem como objetivo geral analisar, nos estudantes do ensino superior, um conjunto de atitudes e comportamentos quer de natureza antissocial (como é caso da agressão) quer pró-social (como é o caso do voluntariado), ao nível dos seus antecedentes motivacionais e cognitivos, como também dos seus efeitos ao nível do ajustamento psicológico e satisfação com a vida dos jovens. Este projeto é coordenado por docentes investigadores do Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior.

No caso deste trabalho de investigação em particular, pretende-se realizar um estudo não experimental, que tem como objetivo principal definir e testar empiricamente hipóteses que relacionem as seguintes variáveis analisadas a nível individual:

1. **Motivações para o voluntariado:** A variável refere-se às principais razões que levam os indivíduos a determinar a sua ação voluntária e à motivação onde se baseia essa vontade para a ação. Para a sua medida, utilizou-se o Inventário de Motivações para o Voluntariado (IMV) de Clary e Snyder (1998), na sua versão validada para a população portuguesa (Gonçalves, Monteiro e Pereira, 2011; Monteiro, Gonçalves & Pereira, 2012).
2. **Atitudes pró-sociais:** A variável refere-se à predisposição para a agir de forma altruísta. Para sua medida, recorreu-se à Escala de Atitudes Pró-Sociais (Osgood & MUraven, 2015).

Definiu-se, ainda os seguintes **objetivos específicos**:

1. Contribuir para a validação da Escala de Atitudes Gerais Pró-Sociais (EAP) para a população portuguesa.

2. Analisar a relação entre as motivações para o voluntariado e as atitudes pró-sociais.
3. Averiguar a existência de diferenças quanto às motivações para o voluntariado em função do ano de curso dos participantes.
4. Averiguar a existência de diferenças quanto às atitudes pró-sociais em função do ano de curso dos participantes.

Este estudo é de natureza quantitativa e transversal, pelo fato de os dados terem sido recolhidos num só momento apenas e serem expressos em numerário (Levin, 2006).

2.2 Participantes

A amostra da presente investigação foi selecionada por conveniência e recolhida presencialmente. Foram incluídos estudantes de instituições nacionais de ensino superior, frequentar cursos do 1º ciclo de estudos (licenciatura) com idade igual ou superior a 18 anos e inferior a 29 anos, de nacionalidade Portuguesa e que estivessem, no momento, a realizar uma atividade de voluntariado ou já tivessem tido pelo menos uma experiência de voluntariado anteriormente. Foram considerados estudantes de diferentes cursos da Universidade da Beira Interior e da Universidade da Madeira. Excluíram-se os participantes que não cumprissem estes requisitos ou que não tivessem preenchido adequadamente o protocolo de investigação (por exemplo, quando a maior parte dos itens estava em branco).

2.2.1 Características Sociodemográficas

A amostra é constituída por 121 estudantes universitários, 92 do sexo masculino (76%) e 28 do sexo feminino (23.1%), com idades compreendidas entre os 18 e 28 anos ($M= 20.87$; $DP= 1.825$). No que diz respeito aos anos do curso que frequentam, esta amostra tem 30 alunos do 1º ano (24.8%), 5 de 2º ano (4.1%) e 83 de 3º ano (68.6%) do 1º ciclo de estudos (licenciatura). Os cursos com maior representação são Engenharia Informática / Informática Web (45,4%) e Ciências do Desporto (38,8%). Na Tabela 1 é apresenta a caracterização sociodemográfica dos participantes.

Tabela 1.*Caracterização sociodemográfica dos participantes (N=121)*

		n	%	M	DP
Sexo	Masculino	92	76		
	Feminino	28	23.1		
	Não respondeu	1	0.8		
Grupo etário				20.87	1.825
	18-23	105	86.8		
	23-29	16	13.2		
Curso	Ciências do Desporto	47	38.8		
	Design Industrial	1	0.8		
	Engenharia Aeronáutica	9	7.4		
	Engenharia Eletrónica	6	5		
	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores	1	0.8		
	Engenharia Informática/InfoWeb	55	45.4		
	Engenharia Civil	1	0.8		
Ano do Curso	1º ano/licenciatura	30	24.8		
	2º ano/licenciatura	5	4.1		
	3º ano/licenciatura	83	68.6		
	Não responderam	3	2.5		

2.3 Práticas de voluntariado

Com a finalidade de caracterizar as práticas relacionadas com o voluntariado, procedeu-se à análise estatística descritiva relativamente às áreas de voluntariado, à periodicidade das atividades de voluntariado e ao tempo (em dias) gasto na atividade voluntária. De salientar que alguns dos participantes não responderam a estas questões apesar de terem assumido que estavam no momento ou já tinham estado envolvidos em atividades de voluntariado.

Como podemos observar na Tabela 2, as áreas de voluntariado mais escolhidas foram a Ação Social (19.01%), a área do Ambiente/Animais (13.22%), seguindo-se a área de Saúde (4.96%). No que se refere ao tempo gasto (em dias) na atividade voluntária, é possível observar que a maioria dos participantes (42.1%) apenas participou em atividades voluntárias por um período

total inferior a oito dias. Quanto à periodicidade com que fazem voluntariado, 54 dos inquiridos responderam pontualmente (44.6%), 15 responderam semanalmente (12.4%), 10 referiram mensalmente (8.3%) e oito diariamente (6.6%).

Tabela 2.

Descrição das áreas de voluntariado (N=121)

		n	%
Áreas de Voluntariado	Ação Social	23	19.01
	Ambiente/ Animais	16	13.22
	Saúde	6	4.96
	Desporto	5	4.13
	Infância/ Juventude	3	2.48
	Formação	3	2.48
	Sem Abrigo	3	2.48
	Educação	2	1.65
	Idosos	1	0.83
	Deficiência	1	0.83
	Defesa do Património	1	0.83
	Outra	5	4.13
	Não refere	52	43
Tempo gasto na atividade voluntária (em dias)	<8	51	42.1
	8 a 30	39	32.2
	>30	31	25.6
Periodicidade com que fazem voluntariado	Diariamente	8	6.6
	Semanalmente	15	12.4
	Mensalmente	10	8.3
	Pontualmente	54	44.6
	Não referem	34	28.1

2.4 Medidas

De seguida, serão descritas as seguintes duas medidas utilizadas no presente estudo: o Inventário de Motivações para o Voluntariado (IMV) e a Medida de Atitudes Gerais Pró-Sociais (EAP). Foi, ainda, utilizado um questionário sociodemográfico e algumas questões acerca das práticas de voluntariado.

2.4.1 Inventário de Motivações para o Voluntariado (IMV)

Foi utilizado o Inventário de Motivações para o Voluntariado (Gonçalves, Monteiro & Pereira, 2011), a versão portuguesa do *Volunteer Functions Inventory* (VFI) de Clary et al., (1998). Este inventário é composto por 30 itens com opções de resposta tipo Likert de 7 pontos, em que o 1 significa “nada importante” e o 7 “extremamente importante”. Os 30 itens estão agrupados nas seguintes seis subescalas, cada uma composta por cinco itens: função valores, função de experiência, função de crescimento ou autoestima, função carreira, função social e função de proteção (Monteiro, Gonçalves e Pereira (2012). Uma pontuação média elevada em cada uma das dimensões corresponderá a uma maior motivação para o voluntariado.

Relativamente às funções das seis subescalas que compõem o inventário, a função valores (itens 3, 8, 16, 19 e 22) está relacionada com preocupações de carácter altruísta e humanitário para com os outros. A função experiência (itens 12, 14, 18, 25 e 30) centra-se na aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens. Relativamente à função crescimento/autoestima (itens 5, 13, 26, 27 e 29) relaciona-se com o aumento da autoestima e crescimento pessoal. No que concerne à função carreira (itens 1, 10, 15, 21 e 28), corresponde a uma visão futura de emprego e à vontade em ganhar experiência. Já a função social (itens 2, 4, 6, 17 e 23) associa a atividade de fazer voluntariado à oportunidade de estar com outras pessoas. Por fim, a função proteção (itens 7, 9, 11, 20 e 24) está relacionada com o propósito de diminuir o impacto dos efeitos negativos originados por questões pessoais como por exemplo o sentimento de culpabilização interna por se sentir mais afortunado que os outros (Clary et al., 1998).

Os estudos psicométricos da versão portuguesa deste inventário apontaram níveis adequados de consistência interna para a escala global ($\alpha = .88$) e para cada uma das seis subescalas, com valores entre .64 (Função valores) e .83 (Função experiência) (Gonçalves et al., 2011 cit in Monteiro, Gonçalves & Pereira, 2012).

2.4.2 Escala de Atitudes Pró-Sociais (EAP)

A escala de atitudes pró-sociais (*General Prosocial Attitudes Measure*) foi desenvolvida por Osgood & MUraven (2015). A medida é composta por seis itens com opções de resposta do tipo Likert de cinco pontos, em que o 1 significa “Discordo muito” e o 5 “Concordo muito”. Por exemplo, o item 1 diz respeito ao quão importante é ajudar alguém que precisa e o item 2 na qual refere-se à vontade em ajudar os outros (Osgood & MUraven, 2015). Todos os itens foram traduzidos para a língua portuguesa por especialistas na área das ciências sociais e humanas, tendo, ainda, sido realizado um pré-teste junto de um grupo de estudantes do ensino superior para verificar a compreensão dos itens, não tendo sido necessárias alterações ao seu conteúdo.

2.4.3 Questionário sociodemográfico e de práticas de voluntariado

As questões foram elaboradas pela equipa de investigação do projeto para a caracterização dos participantes quanto às suas características sociodemográficas (e.g., idade dos participantes, a sua nacionalidade, curso que frequentavam, sexo, local onde residem) e práticas e experiências de voluntariado (atuais e/ou anteriores).

2.5 Procedimentos

Começou por realizar-se os contactos com os docentes de diversas turmas de 1º Ciclo da Universidade da Beira Interior e da Universidade da Madeira, para obter permissão para efetuar a recolha de dados.

Tendo em conta que este estudo está inserido num projeto mais alargado, onde participam outros estudantes de mestrado, o protocolo de investigação era constituído pelos instrumentos de avaliação de todos os estudos integrados no projeto, por um documento com a explicação dos objetivos do estudo, o pedido de participação voluntária no mesmo e pelo consentimento informado. A opção recaiu sobre a administração dos protocolos em formato papel e de forma presencial, permitindo, desta forma, dar instruções e esclarecer eventuais dúvidas. Os protocolos foram preenchidos em cerca de 30-40 minutos, de forma coletiva e em contexto sala de aula. Ao todo foram recolhidos 182 protocolos, tendo sido eliminados 61 por não cumprirem os critérios de inclusão neste estudo.

Já no que concerne à análise estatística dos dados recolhidos, fez-se uma estatística descritiva de forma a representar e caracterizar a amostra ao nível sociodemográfico. Foram também instituídas variáveis numéricas (quantitativas) onde se apresenta a média (M) e o desvio padrão (DP) e variáveis categóricas (qualitativas) onde se apresentou a frequência absoluta (N) e a relativa (%). Foi também conduzida a recodificação da variável idade em duas categorias etárias. Seguidamente procedeu-se à caracterização da amostra no que diz respeito às práticas de voluntariado, dados que foram recolhidos através do questionário sociodemográfico.

Posteriormente foi verificada a consistência interna das escalas e subescalas utilizadas no estudo através do cálculo do coeficiente alfa de Cronbach.

Segundo Pallant (2007), é comum em Ciências Sociais que os pressupostos da distribuição normal dos dados não sejam cumpridos. No entanto, quando o tamanho da amostra é superior a 30, esse constrangimento pode não ser decisivo, acrescentando-se, ainda, que os testes não paramétricos, relativamente aos paramétricos, podem não ser tão robustos. Neste sentido, com

base nos argumentos da autora e pelo facto de a amostra de estudo ser superior a 100 participantes, optou-se por analisar os resultados com recurso a testes paramétricos.

Seguidamente, realizaram-se também estudos de estatística inferencial, recorrendo-se a estatísticas e testes paramétricos, designadamente ao cálculo do coeficiente de correlação de Pearson, a modelos de regressão linear simples e ao teste T para amostras independentes (para comparar dois grupos).

As análises estatísticas foram realizadas com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS Statistics®) para Windows, versão 25.0.

Capítulo 3: Resultados

Neste capítulo, serão apresentados os resultados relativos à análise estatística dos dados. Numa fase inicial, apresenta-se os dados relativos à consistência interna das escalas e subescalas utilizadas. Posteriormente, serão apresentados os resultados referentes às análises inferenciais, tendo na sua base os objetivos que foram pré-definidos no capítulo anterior.

3.1 Análise da consistência interna das medidas

Verificou-se a consistência interna através do cálculo do coeficiente alfa de Cronbach com o objetivo de medir o grau de confiabilidade.

Como pode ser observado na Tabela 3, considerando, quer a escala total quer cada das subescalas, todos os valores de Cronbach obtidos apontam para uma boa consistência interna (Pereira e Patrício, 2013).

Tabela 3.

Valores da consistência interna do Inventário de Motivações para o Voluntariado, através do α de Cronbach

Subescalas	α de Cronbach
Valores	.918
Experiência	.956
Crescimento/Autoestima	.922
Carreira	.888
Social	.881
Proteção	.887
Total	.973

No que diz respeito à escala EAP, e como revela a Tabela 4, o valor de alfa de Cronbach revela igualmente uma consistência interna muito boa (Pereira e Patrício, 2013).

Tabela 4.

Valores da consistência interna da Medida de atitudes gerais pró-sociais (EAP), através do α de Cronbach

Escala	α de Cronbach
Total	.935

3.2 Relação entre motivações para o voluntariado e atitudes pró-sociais

De forma a analisar a relação entre as motivações para o voluntariado e as atitudes pró-sociais foi conduzida uma análise de correlação entre as variáveis, através do coeficiente de correlação de Pearson. Na Tabela 5, os resultados indicam que todos os valores de correlação são positivos e estatisticamente significativos ($p < .01$). As correlações são de magnitude alta (i.e., se estão entre .50 a 1.0) ou média (i.e., se estão entre .30 a .49) (Cohen, 1988).

Tabela 5.

Coefficiente de Correlação de Pearson para análise da associação entre as atitudes pró-sociais e as motivações para o voluntariado

	<i>r</i>	<i>P</i>	<i>N</i>
EAP e Valores	.644*	.000	120
EAP e Experiência	.574*	.000	120
EAP e Crescimento	.569*	.000	120
EAP e Carreira	.344*	.000	120
EAP e Social	.320*	.000	120
EAP e Proteção	.322*	.000	120

* $p < .01$

Seguidamente foi analisado o papel preditor das atitudes pró-sociais nas motivações para o voluntariado através de modelos de regressão linear simples.

Tabela 6.

Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como predictoras da função Valores

	B	EP B	Beta	t	F	R ²
Atitudes Pró-Sociais	1.209	.132	.644	9.155*	83.812*	.415

*N=120. * $p < .001$*

Tabela 7.

Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como predictoras da função Experiência

	B	EP B	Beta	t	F	R ²
Atitudes Pró-Sociais	1.160	.152	.574	7.613*	57.951*	.329

*N=120. * $p < .001$*

Tabela 8.

Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como predictoras da função Crescimento

	B	EP B	Beta	t	F	R ²
Atitudes Pró-Sociais	1.131	.150	.569	7.513*	56.447*	.324

N=120. *p<.001

Tabela 9.

Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como predictoras da função Carreira

	B	EP B	Beta	t	F	R ²
Atitudes Pró-Sociais	.643	.161	.344	4.001*	16.007*	.119

N=120. *p<.001

Tabela 10.

Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como predictoras da função Social

	B	EP B	Beta	t	F	R ²
Atitudes Pró-Sociais	.574	.157	.320	3.667*	13.445*	.102

N=120. *p<.001

Tabela 11.

Modelo de Regressão Linear Simples: Atitudes pró-sociais como predictoras da função Proteção

	B	EP B	Beta	t	F	R ²
Atitudes Pró-Sociais	.592	.160	.322	3.696*	13.659*	.104

N=120. *p<.001

Através da análise da Tabela 6, podemos constatar que as atitudes pró-sociais explicam 41,5% da função valores ($F=83.812$; $p<.001$). O efeito preditor das atitudes pró-sociais na função valores é positivo e significativo ($\beta=.644$; $t=9.155$; $p<.001$). As atitudes pró-sociais explicam 32,9% ($F=57.951$; $p<.001$) da função experiência e este efeito preditor é igualmente positivo e estatisticamente significativo ($\beta=.574$; $t=7.613$; $p<.001$), tal como se observa na Tabela 7. Por sua vez, e de acordo com a Tabela 8, as atitudes pró-sociais explicam 32,4% da função crescimento ($F=56.447$; $p<.001$) e o seu efeito preditor é também ele positivo e significativo ($\beta=.569$; $t=7.513$; $p<.001$).

Na função carreira (Tabela 9), verificamos que as atitudes pró-sociais explicam 11,9% ($F=16.007$; $p<.001$), sendo este efeito positivo e significativo ($\beta=.344$; $t=4.001$; $p<.001$). No que diz respeito à função social, verificamos na Tabela 10 que as atitudes pró-sociais explicam 10,2% dessa dimensão motivacional ($F=13.445$; $p<.001$), sendo este efeito igualmente positivo

e significativo ($\beta=.320$; $t=3.667$; $p<.001$). Por fim, de acordo com os resultados da Tabela 11, as atitudes pró-sociais explicam 10,4% ($F=13.659$; $p<.001$) da função proteção e o efeito preditor é, uma vez mais, positivo e estatisticamente significativo ($\beta=.322$; $t=3.696$; $p<.001$).

Tendo em consideração os valores de Beta (β) obtidos a partir das análises da regressão linear simples para cada função (Tabelas 6 a 11), podemos observar que as atitudes pró-sociais apresentam um maior peso na explicação da variância relativa às funções motivacionais Valores, Experiência e Crescimento, com valores de Beta (β) entre .57 e .64, comparativamente às funções Carreira, Social e Proteção, onde os valores de Beta (β) apresentam valores entre .32 e .34.

3.3 Diferenças nas motivações para o voluntariado em função do ano de curso dos participantes

Tendo a finalidade de perceber se existem diferenças nas motivações para o voluntariado em função do ano de curso, foi realizado um Teste T para amostras independentes entre os grupos de estudantes que frequentam o 1º ano e o 3º ano de licenciatura. Os resultados constam da Tabela 12.

Tabela 12.

Teste T para amostras independentes: Análise de diferenças nas motivações para o voluntariado entre os alunos de 1º ano e 3º ano de licenciatura

		<i>n</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>t (df)</i>	<i>p</i>
Valores	1ºano de licenciatura	30	5.49	.97	2.926(74.1)*	.005
	3ºano de licenciatura	82	4.81	1.39		
Experiência	1ºano de licenciatura	30	5.11	1.07	2.431(110)	.017
	3ºano de licenciatura	82	4.72	1.45		
Crescimento	1ºano de licenciatura	30	4.80	1.06	3.288(110)	.001
	3ºano de licenciatura	82	4.31	1.41		
Carreira	1ºano de licenciatura	30	4.80	1.18	3.170(111)	.002
	3ºano de licenciatura	83	4.23	1.27		
Social	1ºano de licenciatura	30	4.40	1.28	2.672(110)	.009
	3ºano de licenciatura	82	3.93	1.18		
Proteção	1ºano de licenciatura	30	4.03	1.14	2.255(110)	.026
	3ºano de licenciatura	82	3.60	1.28		

$p<.05$; *Variâncias não assumidas

Foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$) entre os alunos do 1º ano e 3º ano de licenciatura em relação a todas as variáveis analisadas. Sendo assim, é possível constatar que os alunos do 1º ano do curso apresentam, em média, maiores níveis motivacionais em todas as funções comparativamente aos alunos do 3º ano do curso.

3.4 Diferenças nas atitudes pró-sociais em função do ano de curso dos participantes

Da mesma forma, para perceber se existiam diferenças nas atitudes pró-sociais em função do ano de curso dos participantes foi realizado um Teste T para amostras independentes entre os grupos de alunos que frequentam o 1º ano e o 3º ano de licenciatura. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 13.

Tabela 13.

Teste T para amostras independentes: Análise de diferenças nas atitudes pró-sociais entre os alunos de 1º ano e 3º ano de licenciatura

		<i>n</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>t (df)</i>	<i>p</i>
EAP	1ºano de licenciatura	30	4.62	.56	2.897(67.1)*	.005
	3ºano de licenciatura	83	4.24	.74		

$p < .05$; *Variâncias não assumidas

É possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$) quanto à percepção das atitudes pró-sociais entre os participantes que frequentam o 1º ano e o 3º ano de licenciatura. Em particular, os alunos de 1º ano do curso apresentam níveis médios superiores de atitudes pró-sociais comparativamente aos alunos do 3º ano do curso.

Capítulo 4: Discussão dos Resultados

A presente discussão está estruturada de acordo com os objetivos predefinidos para esta investigação. Foi objetivo geral deste estudo analisar as motivações para o voluntariado, em estudantes do ensino superior e avaliar de que forma se relacionam com as suas atitudes pró-sociais.

O estudo incluiu 121 participantes com idades compreendidas entre os 18 e 29 anos, tendo todos os jovens praticado, pelo menos uma vez, atividades de voluntariado. A maioria dos participantes são do sexo masculino (76%) e estudam maioritariamente em cursos das áreas de Engenharia Informática/Informática Web (45,4%) e Ciências do Desporto (38,8%). Segundo dados do INE (2018), existe uma maior prevalência de mulheres na prática de atividades de voluntariado (INE, 2018). Contudo, o facto de a amostra ter sido recolhida maioritariamente em cursos da área da engenharia pode explicar a maior percentagem de voluntários do sexo masculino neste estudo (76%). Quando olhamos para a caracterização da prática de voluntariado dos jovens, é possível evidenciar algumas das áreas de voluntariado com mais destaque em termos de participação, como é o caso da ação social (19,01%) e ambiente/animais (13,22%), dados apoiados pelo INE em 2018, no estudo que fez na população portuguesa.

Começou por analisar-se a fiabilidade das escalas, através do cálculo do índice de consistência interna, para cada uma das medidas utilizadas no estudo. Os resultados apontam para valores satisfatórios de alfa de Cronbach para a versão portuguesa da Escala de Atitudes Pró-Sociais (.94), assim como para cada uma das seis subescalas do Inventário de Motivações para o Voluntariado (entre .88 e .97).

Relativamente ao estudo da relação entre as motivações para o voluntariado e as atitudes pró-sociais, os resultados indicaram que as dimensões (i.e., valores, experiência, crescimento) estão positiva e significativamente mais relacionadas com as atitudes pró-sociais. Já as dimensões (i.e., carreira, social e proteção) foram as menos explicadas pelas atitudes pró-sociais, e por isso, o foco será tentar explicar seguidamente, a razão das que têm um valor de correlação mais elevado. Ainda assim, os resultados dos modelos de regressão linear demonstram, em geral, que as atitudes pró-sociais predizem positivamente e de forma significativa todas as dimensões das motivações para o voluntariado.

Estes resultados são corroborados por Omoto et al. (2000), quando o mesmo menciona, que as motivações sociais e interpessoais são das principais razões que propiciam a prática de voluntariado. Na mesma linha, Papadakis, Griffin e Frater (2004) referem que as atitudes pró-sociais estão intrinsecamente ligadas a uma dimensão altruísta, sendo, por isso, apontadas pelos autores como um dos motivos que leva alguém a praticar voluntariado. Outra característica apontada como relevante para a prática do voluntariado é a preocupação com os outros. Deste modo, Clary et al. (1998) referem que a dimensão valores (i.e., referindo-se a

preocupações altruístas e humanitárias) pode estar associada a características de personalidade e que estas, por sua vez, têm impacto nas motivações que os indivíduos desenvolvem relativamente à prática de voluntariado, aumentando assim a sua propensão para a participação nessas atividades. Carlo, Okun, Knight e Guzman (2005) chegaram à conclusão que a dimensão valores, assim como a motivação associada a este conceito, pode ter origem em traços personalísticos, como é o caso da extroversão. Como os valores são considerados parte integrante da dimensão psicológica do indivíduo e estando nós num País maioritariamente regido por valores católicos, esse pode ser um fator determinante da formação e educação destes jovens e, por isso, ser um forte preditor de atitudes pró-sociais na prática de voluntariado (Carpenter e Myers, 2010).

Verificou-se também que a dimensão experiência (i.e., aquisição de novas experiências e aprendizagens) foi a segunda mais explicada pelas atitudes pró-sociais. A isso pode dever-se o facto de os jovens inquiridos estarem em contexto universitário e pretenderem, por essa razão, adquirir mais conhecimentos e competências, estando, deste modo, mais preparados para ingressarem no mercado de trabalho (Clary et al, 1998). Nesse sentido, Konrath, Fuhrel-Forbis, e Lou (2012) referem que a perceção dos ganhos pessoais que cada um considera que pode retirar da experiência de voluntariado tem impacto na sua decisão pessoal relativamente à prática voluntária. É exemplo disso a valorização da evolução profissional, no facto de as entidades empregadoras darem cada vez mais valor à experiência de âmbito social anterior do candidato nas entrevistas de recrutamento (Konrath et al., 2012). Na mesma linha, relativamente à dimensão crescimento (i.e., referindo-se à pretensão que o indivíduo tem no seu crescimento e/ou satisfação pessoal), esta pode ser interpretada como indicadora de uma vontade dos estudantes quererem, como a palavra indica, crescer individualmente adquirindo novas aptidões, de modo a que possam pô-las em prática enquanto futuros profissionais (Santos et al, 2011).

Procurou-se, ainda, analisar se existiam diferenças entre as motivações para o voluntariado e as atitudes pró-sociais dos jovens em função do ano de curso que frequentavam. Analisando os resultados, pode verificar-se que existem diferenças estatisticamente significativas em todas as funções de motivação para o voluntariado (valores, experiência, crescimento, carreira, social e proteção) relativamente ao ano de curso dos participantes, no sentido em que os alunos do 1º ano apresentaram valores médios superiores comparativamente aos alunos do 3º, o último ano do curso de licenciatura. A mesma tendência significativa foi observada em relação às atitudes pró-sociais dos jovens, já que se verificou que os alunos do 1º ano apresentavam valores médios significativamente superiores relativamente aos que frequentavam o de 3º ano do curso.

Estes resultados podem dever-se a vários fatores. Um deles é o facto de os alunos de 1º ano do curso se encontrarem numa fase de transição para a vida estudantil e, por isso, sentirem uma maior necessidade de pertença e de integração social no contexto da comunidade académica.

Deste modo, as suas motivações para a prática de voluntariado podem, em parte, ser explicadas pela necessidade de pertença à comunidade em redor (Tomás et al., 2014).

Em jeito de conclusão, constata-se que as dimensões motivacionais mais valorizadas pelos estudantes foram os valores e a experiência, o que veio corroborar os resultados do estudo feito por Gage e Thapa (2012), nos Estados Unidos, onde também concluíram que as funções motivacionais que mais influência tinham nos estudantes eram os valores e o crescimento. Os autores explicam este resultado pela proximidade do término vida académica dos estudantes, onde as motivações mais salientes eram a carreira e emprego. Assim, a prática de voluntariado, enquanto atividade social, pode ser facilitadora do processo de integração dos alunos, em particular no início do curso e, nesse sentido, ser uma motivação para o envolvimento em atividades voluntárias e comunitárias como forma de aumentar e diversificar as redes de suporte social e emocional (Almeida, 2007).

Também segundo Santos, Oliveira e Dias (2015), a interação entre os pares tem vindo a constituir um fator preditor da adaptação aquando do processo de transição. Neste sentido, o envolvimento em atividades extracurriculares durante o 1º ano do ensino superior pode contribuir positivamente para a integração do jovem e para o aumento da sua motivação para a ação. Esta relação também aparenta contribuir para o bem-estar pessoal, sendo que muitos destes jovens tendem a procurar uma rede de suporte emocional fora da família por se encontrarem longe do local de residência.

Capítulo 5: Conclusões Finais

Este estudo teve como principal objetivo estudar a relação entre as motivações para o voluntariado e as atitudes pró-sociais nos estudantes do ensino superior. A sua pertinência está intimamente ligada ao facto de as práticas de voluntariado terem uma influência bastante evidente na população jovem de hoje em dia. Foi também já confirmado que os motivos que parecem estar na base do início das práticas de voluntariado passam pela aquisição de experiência que cada um adquire e que contribui para a perpetuação dessa mesma ação solidária, fator esse que acaba por ter impacto nas motivações de cada um, ao longo do tempo (Snyder e Omoto, 1990).

Um dos contributos principais do presente estudo, passou por perceber que dimensões relativas às motivações para o voluntariado, eram maioritariamente explicadas pelas atitudes pró-sociais. Deste modo, os resultados permitiram concluir que as atitudes pró-sociais explicam maioritariamente as dimensões valores, experiência e crescimento, demonstrando assim motivos relativos a preocupações altruístas e também o interesse em adquirir novos conhecimentos e competências. Foi também possível concluir que foram os alunos do 1º ano de licenciatura que indicaram maiores níveis motivacionais comparativamente aos alunos do 3º ano do curso.

Em suma, que foi importante estudar quais os motivos que levam os jovens a ingressar no voluntariado e quais as suas intenções finais deste comportamento altruísta. Desta forma, foi também possível concluir, com este estudo, que as motivações relacionadas com os valores, experiência e crescimento têm um maior peso na decisão do jovem em envolver-se na prática de voluntariado (Clary et al., 1998), e que, por sua vez, têm uma influência superior para a manutenção desses comportamentos. Os resultados também nos permitiram concluir que são os jovens que estão no início da sua vida académica que demonstraram ter uma maior predisposição, no que toca às suas motivações, para a prática do voluntariado, facto que se admite poder estar relacionado, com a fase de adaptação e integração dos próprios jovens na vida académica e no ambiente social nele envolvido.

5.1 Limitações e sugestões para estudos futuros

No decorrer desta investigação, foram identificadas algumas limitações que devem ser tidas em conta. Em primeiro lugar, o facto de o estudo ser só direcionado para estudantes do ensino superior, o que limita a compreensão global do fenómeno do voluntariado, sendo que seria importante no futuro realizar estudos com uma população alvo mais diversificada. Em segundo lugar, acresce a possibilidade de algumas respostas ao questionário serem passíveis de ser

influenciadas pelo efeito de desajustabilidade social, dado que a falta de comportamentos altruístas poder ser avaliada negativamente. É também importante ressaltar que apesar de uma grande parte dos estudantes inquiridos já ter feito pelo menos uma vez voluntariado, um número significativo não tem uma experiência prolongada no tempo que possa conduzir a uma percepção rigorosa das suas motivações. Assim, seria importante escolher uma população-alvo que tivesse tido uma experiência de voluntariado comprovada e relativamente prolongada no tempo. Como sugestão para estudos futuros, propõe-se, ainda, analisar, num estudo longitudinal, a mesma população jovem em diferentes momentos da sua vida académica. Desta forma, poderíamos ver as alterações de comportamento e ter a possibilidade de analisar se existiriam diferenças ao nível das motivações para o voluntariado numa mesma população.

5.2 Implicações e conclusões

Podem-se sugerir-se algumas implicações e contributos deste estudo, de modo a servirem de linhas orientadoras no que toca à prática de voluntariado jovem e às motivações associadas. Em primeiro lugar, pode ser relevante que as organizações/entidades que recebem voluntários tenham em consideração as motivações que cada um traz para a atividade de voluntariado a que se candidata, para que se possa promover um maior nível de realização e comprometimento dos jovens com a atividade. Assim, acreditamos que estudar o papel das instituições de Ensino Superior para a promoção do voluntariado, ajudará a contribuir de forma positiva para os processos de seleção dos jovens voluntários, na medida em que o contexto onde se inserem contribui, de forma significativa para o sucesso da ação voluntária.

Em suma, este estudo é assim bastante relevante nos dias de hoje, na medida em que, estudar o que move e por que se movem os jovens hoje em dia, em doar o seu tempo em prol do outro, é uma ferramenta bastante importante para perspetivar um futuro próximo no que toca à voz que a juventude dos dias de hoje e futuramente terá, tanto a nível social, como da sua intervenção cívica e comunitária.

Bibliografia

- A. Stukas, A., Snyder, M., & Clary, E. (2016). Understanding and encouraging volunteerism and community involvement. *The Journal of Social Psychology*, 156(3), 243-255.
- Almeida, L. S. (2007). Transição, Adaptação académica e êxito escolar no ensino superior. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Edición*, 1, 203-215.
- Almeida, A. N. & Ferrão, J. (2001). Caracterização do voluntariado em Portugal. Lisboa: Comissão Nacional para o Ano Internacional dos Voluntários.
- Almeida, V., Daniel, F., & Fernandes, H. (2017). Uma análise das motivações dos voluntários em Associações Humanitárias de Bombeiros. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 3(2), 42-51.
- Amorim, L. R. (Abril de 2015). *A Motivação para o trabalho dos voluntários da Cruz Vermelha Portuguesa*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Viana do Castelo.
- Bandeira, A., & Barbedo, P. (2015). O Voluntariado: Um recurso em valorização na sociedade portuguesa. *In Congresso Internacional de Contabilidade e Auditoria*. Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas e Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra.
- Bataglia, P. U., Morais, A. d., & Lepre, R. M. (Jan/Abr de 2010). A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 25-32.
- Barton, E., Bates, E. A., & O'Donovan, R. (2019). 'That extra sparkle': students' experiences of volunteering and the impact on satisfaction and employability in higher education. *Journal of Further and Higher Education*, 43(4), 453-466.
- Cardoso, L. M., Garcia, C. S., & Schroeder, F. T. (2015). Vivência académica de alunos ingressantes no curso de Psicologia. *Psicologia Ensino & Formação*, 6(2), 5-17.
- Carpenter, J. & Myers, K.C. (2010). Why volunteer? Evidence on the role of altruism, image, and incentives. *Journal of Public Economics*, 94, 911-920.
- Carlo, G., Okun, M. A., Knight, G. P., & de Guzman, M. R. T. (2005). *The interplay of traits and motives on volunteering: Agreeableness, extraversion and prosocial value motivation*. *Personality and Individual Differences*, 38(6), 1293-1305.
- Cavalcante, C. E., Sousa, W. J., Mol, A. L., & Paiva, J. A. (2015). Motivação para entrada de voluntários em ONG brasileira. *Revista de Administração*, 50(4), 523-540.

- Clary, E. G., & Snyder, M. (1999). The Motivations to Volunteer: Theoretical and Practical Considerations. *Current Directions in Psychological Science*, 8(5), 156-159.
- Clary, E. G., Snyder, M., Ridge, R. D., Copeland, J., Stukas, A. A., & Miene, J. H. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: a functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1516-1530.
- Cunha, M. P., Cunha, R. C., Rego, A., Neves, P., & Cabral-Cardoso, C. (2004). *Manual do comportamento organizacional e gestão*. Lisboa: Editora RH.
- Cnaan, A.R. & Goldberg-Glen, S.R. (1991). Measuring Motivation to Volunteer in Human Services. *Journal of Applied Behavioral Science*, 27(3), 269-284.
- Cnaan, R. A., Smith, K. A., Holmes, K., Haski-Leventhal, D., Handy, F., & Brudney, J. L. (2010). Motivations and benefits of student volunteering: Comparing regular, occasional, and non-volunteers in five countries. *Canadian journal of nonprofit and social economy research*, 1(1).
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Delicado, A. I. (2002). Caracterização do voluntariado social em Portugal. *Intervenção Social*, (25/26), 127-140.
- Donahue, K., & Russell, J. (2009). Provide Volunteer Impact Assessment. Final report. *Institute for Volunteering Research*.
- Duarte, V. F. (2015). *O Voluntariado no Ensino Superior: um estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Eisenberg, N., Boehnke, K., Schuhler, P., & Silbereisen, R. K. (Mar de 1985). The Development of Prosocial Behavior and Cognitions in German Children. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 16(1), 69-82.
- Falcone, E. (1999). A Avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(1), 23-32.
- Ferreira, C. P. (2013). *Motivações do universitário voluntário*. (Dissertação de Mestrado.) Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Ferreira, M., Proença, T., & Proença, J. F. (Jul/Set de 2008). As motivações no trabalho voluntário. *Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa*, 7(3), 43-53.
- Finkelstien, M. A. (2009). Intrinsic vs. extrinsic motivational orientations and the volunteer process. *Personality and Individual Differences*, 46(5), 653-658.
- Gage, R. L., & Thapa, B. (2012). Volunteer Motivations and Constraints Among College Students: Analysis of the Volunteer Function Inventory and Leisure Constraints Models. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 41(3), 405-430.

- Garcia-Serpa, F. Á., Prette, Z. A., & Prette, A. D. (2006). Meninos pré-escolares empáticos e não-empáticos: empatia e procedimentos educativos dos pais. *Revista Interamericana de Psicologia*, 40(1), 77-88.
- Gemelli, C. E. (2015). *Motivações para o trabalho voluntário sob a perspectiva do indivíduo: um estudo de caso na ONG Junior Achievement*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Guerreiro, M.D., Abrantes, P. (2004). *Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa: CIDM Presidência do Conselho de Ministros.
- Hackl, F., Halla, M. and Pruckner, G. J. (2004). *The fallacy of the Good Samaritan: volunteering as a weird way of making money*. (No. 0415) Mimeo, Department of Economics, Johannes Kepler University of Linz.
- Hardill, I., & Baines, S. (2007). Volunteering for all? Explaining patterns of volunteering and identifying strategies to promote it. *Policy & politics*, 35(3), 395-412.
- Holdsworth, C. (2010). Why volunteer? Understanding motivations for student volunteering. *British Journal of Educational Studies*, 58(4), 421-437.
- Holdsworth, C., & Brewis, G. (2013). Volunteering, choice and control: a case study of higher education student volunteering. *Journal of Youth Studies*, 17(2), 204-219. DOI:10.1080/13676261.2013.815702
- Houle, B. J., Sagarin, B. J. & Kaplan, M. F. (2005). A functional approach to volunteerism: Do volunteer motives predict task preference? *Basic and Applied Social Psychology*, 27(4), 337-344.
- Iain Williamson, Diane Wildbur, Katie Bell, Judith Tanner & Hannah Matthews (2018) Benefits to University Students Through Volunteering in a Health Context: A New Model. *British Journal of Educational Studies*, 66(3), 383-402, DOI: 10.1080/00071005.2017.1339865
- INE. (2018). *Inquérito ao trabalho voluntário*. Lisboa: INE. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=157410423&DESTAQUESmodo=2
- Koller, S. H. (Fev/Ago de 1997). Educação para a pró-sociabilidade: Uma lição de cidadania? *Paidéia (Ribeirão Negro)*, 12-13), 39-50.
- Koller, S. H., & Bernardes, N. M. (1997). Desenvolvimento moral pró-social: Semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. *Estudos de Psicologia*, 2(2), 223-262.
- Konrath, S., Fuhrel-Forbis, A., & Lou, A. (2012). Motives for Volunteering Are Associated With Mortality Risk in Older Adults. *Health Psychology*, 31(1), 87-96.

- Janoski, Thomas. March Musick. John Wilson (1998). "Being volunteered? The impact of social participation and pro-social attitudes on volunteering". *Sociological Forum*, vol.13, pp. 495-519.
- Lay, J. C., & Hoppmann, C. A. (Jan de 2015). Altruism and Prosocial Behavior. *Encyclopedia of Geropsychology*, 1-9.
- Levin, K. A. (2006). Study design III: Cross-sectional studies. *Evidence-based dentistry*, 7(1), 24-25.
- Lima, P. D., Silva, F. M., Siqueira, E. S., & Binotto, E. (Nov de 2016). Voluntariado empresarial: Motivos para a participação de trabalhadores em análise. *Revista de Gestão do Unilasalle*, 5(3), 115-135.
- Marques, M. J. (2016). *As motivações para o voluntariado. Estudo exploratório numa amostra de estudantes do ensino superior politécnico* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra.
- Martins, C. S. (2013). *Motivação para realizar voluntariado: Estudos segundo as abordagens funcionalista e da autodeterminação*. (Tese de Doutoramento). Universidade do Algarve, Gambelas.
- Martins, C., Jesus, S. N., & Silva, J. T. (2012). A Motivação para o envolvimento em atividade de voluntariado segundo as abordagens funcionalistas e autodeterminada. *12º Colóquio de Psicologia e Educação*, 296-310.
- McCurley, S. & Lynch, R. (1998). *Essential Volunteer Management*. (2nd Edition). London: Directory of Social Change.
- Meier, S., & Stutzer, A. (Feb de 2008). Is Volunteering Rewarding in Itself? *Economica, New Series*, 75(297), 39-59.
- Menchik, P. L. and Weisbrod, B. A. (1987). Volunteer labor supply. *Journal of Public Economics*, 32, 159-83
- Monteiro, S., Gonçalves, E., & Pereira, A. (2012). Estudo das motivações para o voluntariado numa amostra de voluntários hospitalares em contexto oncológico: Relação com bem-estar psicológico e qualidade de vida. *PsychOpen publishing psychology*, 1, 201-211.
- Nave, A. C. (2012). *Voluntariado Empresarial: Motivações e Práticas*. (Dissertação de Mestrado). Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Oliveira, C. B., & Alves, P. B. (2015). Ensino Fundamental: Papel do Professor, Motivação e Estimulação no Contexto Escolar. *Paidéia (Ribeirão Negro)*, 15(31), 227-238.

- Omoto, A. M., & Packard, C. D. (2016). The power of connections: Psychological sense of community as a predictor of volunteerism. *The Journal of Social Psychology*, 156(3) 272-290.
- Omoto, A.M., & Snyder, M. (1990). Basic research in action: Volunteerism and society's response to AIDS. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 16, 152-166.
- Omoto, A. M., & Snyder, M. (1995). Sustained helping without obligation: motivation, longevity of service, and perceived attitude change among AIDS volunteers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(4), 671-686.
- Omoto, A. M., Snyder, M., & Martino, S. C. (2000). Volunteerism and the Life Course: Investigating Age-Related Agendas for Action. *Basic and Applied social psychology*, 22(3), 181-197.
- Osgood, J. M., & Muraven, M. (2015). Self-Control Depletion Does Not Diminish Attitudes About Being Prosocial But Does Diminish Prosocial Behaviors. *Basic and Applied Social Psychology*, 37(1), 68-80.
- Papadakis, K., Griffin, T., & Frater, J. (2004). Understanding Volunteers' Motivations. *Trabalho apresentado no Proceedings of the 2004 Northeastern Recreation Research Symposium*.
- Pallant, J. (2007). SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using the SPSS program (3ªed.). Maidenhead: Open University Press.
- Parboteeah, K. P., Cullen, J. B., & Lim, L. (2004). Formal volunteering: a cross-national test. *Journal of World Business* 39(4), 431-441.
- Pereira, A., & Patrício, T. (2013). SPSS Guia Prático de Utilização. Análise de dados para Ciências Sociais e Psicologia. Lisboa: Edições Sílado, Lda.
- Penner, L. A., & Finkelstein, M. A. (1998). Dispositional and structural determinants of volunteerism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(2), 525-537.
- Piccoli, P., & Godoi, C. K. (Julho/Setembro de 2012). Motivação para o trabalho voluntário contínuo: uma pesquisa etnográfica em uma organização espírita. *Organizações & Sociedade*, 19(62), 399-415.
- Pimentel, C. E., & Günther, H. (jul/set de 2009). Percepção de letras de músicas como inspiradoras de comportamentos antissociais e pró-sociais. *Psico*, 40(3).
- Révillion, A. S. P. (2015). A utilização de pesquisas exploratórias na área de marketing. *Revista Interdisciplinar de Marketing*, 2(2), 21-37.
- Ruiter, S., & De Graaf, N. D. (2006). National Context, Religiosity, and Volunteering: Results from 53 Countries. *American Sociological Review*, 71(2), 191-210. DOI:10.1177/000312240607100202

- Salazar, K. d., Silva, A. R., & Fantinel, L. D. (Maio/Jun de 2015). As relações simbólicas e a motivação no trabalho voluntário. *Revista de Administração Machenzie*, 16(3), 171-200.
- Santos Rego, M.A. e Lorenzo Moledo, M. (2006). Universidade e construção da sociedade civil. *Vigo: Xerais*.
- Santos, P., Silva, M., & Guedes, A. (2011). O voluntariado como elemento de aprendizagem e de empregabilidade. *Escola Superior de Tecnologias e Gestão de Lamego*, 1-7.
- Santos, A. S. D., Oliveira, C. T. D., & Dias, A. C. G. (2015). Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação académica. *Psicologia: teoria e prática*, 17 (1), 150-163
- Serapioni, M., Ferreira, S., & Lima, T. M. (2013). *Voluntariado em Portugal: Contextos, Atores e Práticas*. Centro de Estudos da Universidade de Coimbra, Coimbra. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/44013/1/Voluntariado%20em%20Portugal_Contextos%2C%20Atores%20e%20Pr%C3%A1ticas.pdf
- Steca, P. (2007). Prosocial agency: the contribution of values and self-efficacy beliefs to prosocial behavior across ages. *Journal of social and clinical psychology*, 26(2), 218.
- Silva, A. F. (Set de 2012). *Motivações e Efeitos do Voluntariado Jovem: Fatores de Retenção Organizacional*. (Dissertação de Mestrado). ISCTE, Lisboa.
- Simpson, B., & Willer, R. (2015). Beyond altruism: Sociological foundations of cooperation and prosocial behavior. *Annual Review of Sociology*, 41, 43-63.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond Freedom and Dignity*. USA: Penguin Books.
- Souza, L. F., & Costa, H. G. (Jun de 2013). Motivação para o voluntariado - uma análise de sua evolução na literatura. *IX Congresso Nacional de Excelência em Gestão*.
- Switzer, C. L., Switzer, G. E., Stukas, A. A., & Baker, C. E. (1999). Medical student motivations to volunteer: Gender differences and comparisons to other volunteers. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 18(1-2), 53-64.
- Taille, Y. d. (2006). The Importance of Generosity at the Beginning of Moral Development in Childhood. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 9-17.
- Tedesco, L. J., Hernaiz, P. I., Rial, P. S., & Tapia, P. M. (Mar de 2008). El Aprendizaje-Servicio en la Educación Superior. *EUDEBA*.
- Todorov, J. C., & Moreira, M. B. (2005). O Conceito de Motivação na Psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 119-132.
- Tomás, R. A., Ferreira, J. A., Araújo, A. M., & Almeida, L. S. (2014). Adaptação Pessoal e Emocional em Contexto Universitário: O Contributo da Personalidade, Suporte Social e Inteligência Emocional. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 87-107.

UNV-UNVolunteers Inspiration in Action (2011). Relatório do Estado do Voluntariado no Mundo, consultado no dia 12.08.19 no site <http://www.voluntariado.org.br/sms/files/Relatorio%20%20Estado%20do%20Voluntariado%20no%20Mundo.pdf>

Van Hoorn, J., van Dijk, E., Meuwese, R., Rieffe, C., & Crone, E. A. (2014). Peer Influence on Prosocial Behavior in Adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 26(1), 90-100. DOI:10.1111/jora.12173

Wilson, J. (2000). Volunteering. *Annual Review of Sociology*, 26(1), 215-240. DOI:10.1146/annurev.soc.26.1.215